

## A DECISÃO DE UTILIZAR A BOMBA ATÔMICA Por Reinaldo V. Theodoro

No dia 6 de Agosto de 1945, a Humanidade entrou na era nuclear. Porém, foi uma abertura muito pouco festiva, pois custou as vidas de 90.000\* pessoas. Estamos falando, é claro, do lançamento da primeira bomba atômica, sobre a cidade japonesa de Hiroshima. Hiroshima era a sétima maior cidade do Japão, com 255.000 habitantes, e 90% dela foi destruída no ataque. Três dias depois, uma segunda bomba atômica foi lançada sobre a cidade japonesa de Nagasaki (195.000 habitantes), onde mais 60.000\* seres humanos perderam a vida.

Hoje, décadas depois, os efeitos delas ainda se fazem sentir. A radiação resultante das explosões mataria milhares de pessoas nos anos seguintes; os nomes de ambas as cidades passariam a fazer parte do vocabulário de pacifistas do mundo inteiro; a ameaça nuclear passaria a fazer parte do cotidiano de muitos povos, como um efeito sensível da Guerra Fria; e, finalmente, surgiria uma polêmica que parece não ter fim: era realmente necessário lançá-las?



O cogumelo nuclear sobre Hiroshima.

### A GUERRA DO PACÍFICO:

A 07/12/41, os japoneses atacaram a base aeronaval americana de Pearl Harbor, dando início à chamada Guerra do Pacífico, um novo conflito inserido no contexto da 2ª Guerra Mundial. As perdas humanas e a surpresa do ataque, enquanto ainda se entabulavam entendimentos diplomáticos em Washington,

ticos em Washington, causaram um tremendo choque na opinião pública norte-americana, a ponto desse dia passar para a História como "O Dia da Infâmia".



Ataque a Pearl Harbor. Na foto aparecem os encouraçados USS West Virginia e o USS Tennessee. A fumaça à esquerda é do USS Arizona, que explodiu.

O que se seguiu foram violentos combates em terra, mar e ar por toda a extensão dos Oceanos Pacífico e Índico. A expansão japonesa foi vertiginosa, chegando às portas da Austrália em meados de 1942. Então aconteceu o milagre de Midway e os japoneses acabaram detidos em Guadalcanal e na Nova Guiné. A partir daí, a Guerra do Pacífico mudou a sua face: os japoneses passaram para a defensiva, entrenchando-se nas suas conquistas, procurando causar o máximo dano aos americanos, na esperança de que estes se esgotassem e aceitassem uma paz negociada. A realidade, porém, era outra. Decididos a expulsar os japoneses dos territórios ocupados, os norte-americanos concentraram cada vez mais meios no Pacífico, apesar da política de "Alemanha Primeiro". O poderio norte-americano não cessou de avolumar-se e a desesperada defesa japonesa, freqüentemente até o último homem, servia apenas para transformar as ilhas do Pacífico em imensos cemitérios. Após a Batalha do Golfo de Leyte (25/10/44), não era mais possível duvidar da vitória final dos aliados. Porém, o comando japonês persistia na luta, cada vez mais sem sentido.

A 19/02/45, os fuzileiros navais americanos ("marines") desembarcaram na pequena ilha vulcânica de Iwo Jima. Só no primeiro dia, os americanos tiveram 2.500 baixas. De 19/02/45 a 26/03/45, os americanos tiveram mais de 26.800 baixas (sendo 6.800 mortos), enquanto a guarnição japonesa de mais de 20.000 homens foi virtualmente aniquilada. Pela primeira vez durante a reconquista

do Pacífico, os americanos haviam sofrido mais baixas que os japoneses.

A 01/04/45, foi a vez da ilha de Okinawa. Mais de 280.000 americanos foram lançados na conquista da ilha, defendida por mais de 110.000 japoneses (muitos deles autóctones). Para complicar as coisas, Okinawa fazia parte das ilhas metropolitanas e era habitada por uma população de cerca de 460.000 pessoas. Para surpresa dos invasores, não houve defesa nas praias, pois os japoneses preferiram guarnecer as regiões acidentadas no interior.



Okinawa. O desembarque maciço de tropas não deixava dúvidas quanto ao resultado final.

A luta, terrível como de costume, prosseguiu quase até o fim da guerra (a resistência organizada encerrou-se a 22/06/45), sofrendo os americanos quase 40.000 baixas em terra (mais de 7.300 mortos), com o inevitável extermínio dos defensores (embora, pela primeira vez na Guerra do Pacífico, houvesse rendições em bons números: mais de 7.800). Houve também grande número de baixas entre a população civil (mais de 100.000). Okinawa deveria passar para a História também como a única campanha militar onde os dois comandantes tombaram (o general Simon Bolivar Buckner, comandante do 10º Exército americano, foi morto por uma granada de artilharia e seu adversário, general Mitsuru Ushijima, cometeu haraquiri). Entre as forças de terra, mar e ar, Okinawa havia custado mais de 49.000 baixas aos americanos (mais de 12.800 mortos), fazendo desta a campanha mais sangrenta da Guerra do Pacífico. Além das perdas humanas, as perdas materiais também estavam aumentando: os kamikazes, pilotos suicidas japoneses, estavam conseguindo causar estragos bastante alarmantes: 34 navios de guerra perdidos e outros 368 danificados, incluindo 10 encouraçados e 13 porta-aviões.

As perdas estavam se tornando cada vez maiores e o próximo passo seria invadir o próprio Japão. As expectativas eram muito sombrias.

## A SITUAÇÃO DO JAPÃO:

A situação do Japão, porém, estava se aproximando do insustentável. Como arquipélago pouco dotado de recursos naturais, o Japão dependia quase exclusivamente de importações. A sua frota mercante, ao começar a guerra, tinha menos de seis milhões de toneladas brutas, o que já seria insuficiente para a exploração e abastecimento das regiões conquistadas. Além disso, a arma submarina americana causou verdadeira devastação na navegação mercante japonesa, estrangulando o país. Especial atenção era devotada aos petroleiros, pois o Japão não possuía fontes próprias de petróleo. Os estaleiros japoneses também sofriam, pois entraram num ciclo vicioso: era necessário produzir navios mercantes para trazer matérias-primas, mas isso seria inútil sem produzir navios de guerra para os proteger. Com isso, as perdas nunca eram repostas e ao fim da guerra haviam sido afundadas oito milhões de toneladas brutas (60% por submarinos), mais do que o Japão possuía ao atacar Pearl Harbor. Os que restaram (cerca de 1,8 milhões) eram na maioria pequenos barcos de madeira. A atividade pesqueira caíra em 50% e as importações de bauxita foram suspensas em janeiro de 1945, o que levaria em breve à paralisação da produção de alumínio. Em fevereiro foi a vez da suspensão da importação de petróleo, agravando a crise que já era muito aguda. Cargueiros movidos a óleo foram desativados (mais de 100.000 toneladas), a esquadra foi paralisada e estimou-se que não haveria gasolina suficiente para que todos os aviões disponíveis decolassem, quando chegasse a hora da decisão.

A população japonesa sofria amargamente a escassez de praticamente tudo. O racionamento de alimentos chegara a valores calóricos muito baixos, mesmo para as tropas combatentes, que passaram a saquear as populações vizinhas aos seus acantonamentos (o que não ajudava em nada a manter a já abalada coesão entre civis e militares). O mercado negro era desenfreado, com alguns itens chegando a 4.200% do valor oficial. A produção de arroz em 1944 havia sido a mais baixa desde 1909 (apenas 133.000 toneladas, contra 1.178.000 em 1941). A produção de legumes caíra 81% e a de carne, 70%. A produção de sal era de 1/3 das necessidades mínimas do país. Como resultado disso e das condições sanitárias em franca deterioração, várias doenças se espalharam, como tuberculose e beribéri. Havia também escassez de tecidos, sabão, carvão e até madeira (em fins de 1944, foi proibida a fabricação de caixões!).

Até a natureza parecia conspirar contra o Japão. O inverno de 1944/45 foi tão rigoroso que a água

permanecia congelada nos canos dia e noite. Um terremoto a 07/12/44 (ironicamente, 3º aniversário do ataque a Pearl Harbor) destruiu uma importante ponte ferroviária e incapacitou a fábrica da Mitsubishi em Nagoya por semanas.

Em fins de 1944, os americanos começaram a implementar um plano de bombardeio estratégico, utilizando o novo bombardeiro Boeing B-29 Superfortaleza Voadora. Partindo de bases na China e nas ilhas Marianas, capturadas em junho, os B-29 passaram a se tornar visitantes cada vez mais freqüentes do espaço aéreo nipônico. De início, as incursões procuravam seguir uma linha de bombardeio de precisão, procurando atingir a indústria de guerra do Japão. Contudo, como esses aviões voavam a grande altitude, a precisão do bombardeio era insignificante se comparada com as perdas. Além disso, os japoneses começaram a dispersar as suas fábricas, tornando esse estilo de ataque bastante decepcionante.



B-29 Superfortaleza, instrumento de devastação do Japão.

Em março de 1945, o bombardeio estratégico do Japão passou para o comando do Major-General Curtis Le May, que mudou a orientação tática dos ataques: eles agora seriam à baixa altitude e à noite, contra centros urbanos. Voando a menor altitude, os aviões podiam transportar mais bombas, que seriam agora incendiárias. A 10/03/45, uma força de mais de 300 B-29 devastou 40% da área total de Tóquio, destruindo 276.000 edificações e causando 130.000 baixas na população civil (89.000 mortos). Nos dias seguintes, esses ataques devastadores se repetiriam nas cidades de Osaka (13.000 baixas), Kobe (15.000) e Nagoya. Com suas casas predominantemente de madeira e papel, as cidades japonesas eram presas fáceis para esse tipo de ataque.

O plano estava dando certo e os ataques tornaram-se cada vez mais freqüentes. Com a introdução das escoltas de caças P-51 Mustang, vindas de Iwo Jima, as perdas de B-29 começaram a diminuir. Além das cidades, estaleiros, aeródromos e portos também eram bombardeados. Os B-29 também realizaram diversos lançamentos de minas marinhas na costa japonesa, afundando cerca de 1.250.000 toneladas de navios, paralisando a navegação costeira. Em fins de junho de 1945, a oposição de aviões de caça japoneses

ficou tão debilitada que Le May passou a anunciar os ataques com antecedência para as populações que seriam atacadas, obtendo um efeito psicológico impressionante, pois demonstrava ao povo japonês que suas forças armadas não tinham mais condições de protegê-lo. Mais de 8 milhões de japoneses fugiram para áreas rurais, abandonando as áreas urbanas e industriais. Já então, mais de 450 Km<sup>2</sup> dessas áreas haviam sido reduzidas a ruínas. A produção da indústria de refino de petróleo caíra 83%, a de motores de avião, 75% e a de fuselagens, 60%. A indústria japonesa estava agonizando.

Para qualquer ocidental com um mínimo de bom senso, era mais do que óbvio que o Japão perdera a guerra e deveria pedir a paz. Mas, uma coisa é você saber que o inimigo está derrotado... ele saber disso é outra completamente diferente.

### OS PLANOS DOS MILITARES JAPONESES:

A política do Japão de então era dominada pelos militares e a mentalidade militar japonesa simplesmente não considerava a possibilidade de rendição. Isso não existia no Bushido (o código de honra militar japonês), onde a única alternativa para a vitória era a morte. Isso se tornou patente nas defesas desesperadas, nos ataques banzai, nos kamikazes, nos haraquiri e nas execuções e maus tratos aos prisioneiros (que eram desprezados por terem se rendido). Além disso, eles não tinham informações adequadas da situação do inimigo. Sempre exageravam os seus ganhos, como o número de aviões abatidos ou tipos de navios afundados. Assim, é natural que eles pensassem que os americanos estavam tão esgotados quanto eles. A determinação dos militares japoneses em continuar a guerra era tão grande que na madrugada de 15/08/45, após o anúncio da rendição, um grupo deles tentou realizar um golpe militar, invadindo o quartel do comando da guarnição do Palácio Imperial (o comandante se recusou a aderir ao golpe e foi assassinado). De fato, o comando do Exército japonês queria a invasão, pois esta seria a única maneira de derrotar as forças aliadas ou de pelo menos causar-lhes um dano tão grande (estimava-se em 70% as baixas nas forças invasoras) que forçasse os aliados a sentar e negociar. Se os aliados, ao contrário, não invadissem, o Japão seria derrotado pela fome antes da primavera de 1946. Os partidários da rendição eram depreciativamente chamados de "pombas" e viviam em permanente receio de serem assassinados. Nem mesmo em reuniões de governo se arriscavam a falar em terminar a guerra. Somente uma situação extremamente dramática daria a eles a possibilidade de enfrentar os militares.

Embora a Marinha do Japão estivesse então aniquilada, o seu Exército ainda era enorme. Ele contava ainda, nas ilhas metropolitanas, com 58 divisões (sendo duas blindadas) e 25 brigadas, totalizando 2.350.000 soldados regulares, além de 250.000 homens de tropas de guarnição. Os militares japoneses estavam tão concentrados na defesa de sua Pátria que alguns tipos de armamentos foram mantidos exclusivamente para isso (como o Tanque Médio Tipo 3 Chi-Nu, com canhão de 75 mm), não sendo despachados para além-mar. Porém, a prioridade de equipamento ia para as unidades estacionadas em Kyushu e Shikoku, onde se esperavam os primeiros desembarques. Calculava-se que as novas divisões não estariam completamente equipadas antes de fevereiro de 1946. Contava-se ainda que 28.000.000 de civis (inclusive velhos, mulheres e crianças) participassem da luta, sendo distribuídas para eles armas as mais toscas, inclusive arco e flecha e lanças de bambu! Esperava-se também que esses civis praticassem táticas de guerrilha em áreas ocupadas pelo inimigo. Ainda havia enormes forças estacionadas na China e na Manchúria. A aviação na metrópole contava ainda com 7.000 aviões, que estavam espalhados e escondidos à espera da invasão aliada, quando então seriam usados como kamikaze (os japoneses chegaram a produzir um avião (o Ki-115) e um foguete tripulado (o MXY-7) especificamente para essa função). Havia ainda centenas de pequenas lanchas suicidas, cheias de explosivos, que seriam lançadas contra a frota de invasão. Voluntários não faltavam.

O território japonês também é extremamente favorável à defesa, sendo muito montanhoso, e tendo poucas planícies, onde a superior mobilidade aliada poderia ser explorada. Enterrando-se em milhares de cavernas, já preparadas e dotadas de depósitos, os soldados japoneses poderiam resistir por meses.

Em resumo, os militares japoneses estavam se preparando para um banho de sangue sem precedentes na História, contando que a população de seu país enfrentaria o inimigo até a morte.

#### **OS PLANOS ALIADOS:**

Os planejadores americanos já estavam com as operações de invasão do Japão preparadas e com as datas marcadas. A "Operação Olympic", a invasão de Kyushu (a mais meridional das grandes ilhas japonesas) foi marcada para 01/11/45, com pelo menos 12 divisões americanas. Na primavera de 1946, seria desencadeada a "Operação Coronet", a invasão da principal ilha japonesa (Honshu), através da planície de Kanto (onde fica Tóquio). Nessa operação, participariam

importantes forças britânicas e da Commonwealth, além de forças americanas trazidas da Europa, onde a guerra já havia acabado. Os planejadores estimavam as perdas aliadas nessas operações entre 200.000 e 1 milhão (evidentemente, considerando as perdas japonesas muito superiores a isso). Num exercício matemático, considerando que o número de mortos normalmente variava entre 1/4 e 1/3 do total de baixas, teríamos entre 50.000 e 330.000 mortos!

A marinha também tinha suas preocupações: embora nenhum navio maior que um destróier jamais tivesse sido afundado pelos kamikazes, alguns navios grandes foram tão avariados que simplesmente ficaram fora da guerra. A possibilidade de um ataque kamikaze maciço, que poderia incapacitar parte considerável da frota e talvez até inviabilizar logisticamente a invasão, era de causar calafrios nos almirantes americanos. Certamente, os comandantes da aviação tinham menos preocupações, pois a prioridade dada às operações suicidas deixou os céus à mercê dos aviões de Tio Sam.

Os planejadores também tinham outros pesadelos. Como parte considerável do exército japonês estava no Sudeste Asiático (mais de 2 milhões de homens), havia a possibilidade dele continuar a guerra mesmo com a conquista da metrópole.

Ninguém era otimista o bastante para achar que a guerra terminaria antes de 1947 e todos estavam certos de que o pior ainda estava por vir.

#### **A DECISÃO:**

Houve muita discussão nas altas esferas governamentais e militares americanas a respeito do lançamento ou não das bombas. Uma comissão especial, com políticos, militares e cientistas, foi criada para discutir todos os seus aspectos políticos e militares. O trabalho dessa comissão encerrou-se a 01/06/45, concluindo que a bomba deveria ser lançada o mais cedo possível, sobre um alvo militar no Japão e sem aviso prévio. É ocioso questionar os argumentos que levaram a essas recomendações, mas é certo que Truman levou-as em consideração.

A 16/07/45, a primeira bomba atômica explodiu, em Alamogordo, no deserto do Novo México. Após anos de pesquisa, os cientistas do Projeto Manhattan haviam conseguido construir um artefato nuclear bélico. O sucesso foi imediatamente comunicado ao Presidente Harry S. Truman, então na Conferência de Potsdam. Ele estava no poder havia apenas três meses, pois o seu predecessor, Franklin D. Roosevelt, falecera a 12/04/45. Até a sua posse, Truman ignorava completamente o projeto.



As bombas: à esquerda a "Little Boy", lançada sobre Hiroshima; à direita, a "Fat Man", usada em Nagasaki.

No dia 26/07/45, os líderes das principais potências aliadas, reunidos em Potsdam, divulgaram uma declaração conclamando o Japão a render-se incondicionalmente. Nela, os japoneses recebem garantias de manutenção da soberania, mas também recebem duras diretrizes em relação às suas forças armadas, que seriam desmobilizadas e julgadas por crimes de guerra. No final da declaração, um alerta: "a alternativa para o Japão é a destruição imediata e total". Hoje é óbvio que essa frase se referia às bombas atômicas, mas na época muito pouca gente sabia de sua existência.

No Japão, a declaração de Potsdam teve diversas reações. Os partidários da paz queriam aceitá-la imediatamente, enquanto os militares eram pela rejeição pura e simples. Entre discussões e delongas, o Primeiro-Ministro Kantaro Suzuki fez uma declaração infeliz, ao utilizar um termo que, em japonês, tem várias traduções, entre elas, "rejeitar". Os aliados assim interpretaram.

A razão da procrastinação japonesa era a tentativa de usar a URSS, então neutra, como mediadora de uma solução pacífica. Essa esperança era mais do que vã, pois Stálin, o líder soviético, já prometera a Truman declarar guerra ao Japão em agosto. Mas os líderes japoneses ficaram esperando Stálin voltar de Potsdam antes de fazer uma declaração formal. Quando isso aconteceu, já era tarde demais.

Segundo Churchill, nunca houve uma discussão real, entre os aliados, sobre se a bomba deveria ser lançada. Afinal, que diferença fazia matar centenas de milhares de pessoas com uma bomba ou com milhares? Matar civis havia se transformado numa rotina naquela guerra...

Mas, no final das contas, a responsabilidade final coube ao Presidente dos EUA, Harry S. Truman. Cabia a ele ordenar o lançamento da bomba. As ordens foram expedidas a 25/07/45, ordens essas

que podiam ser suspensas a qualquer momento por ele. Mas não haveria nenhum cancelamento...

### O ATAQUE:

A escolha do alvo e do dia do ataque coube ao Tenente-General Carl A. Spaatz, comandante das Forças Aéreas Estratégicas do Exército dos EUA no Pacífico. Ele teria que escolher entre quatro cidades pré-selecionadas (Hiroshima, Kokura, Niigata e Nagasaki), em função do valor militar delas e também pelo fato de que essas cidades haviam sofrido poucos danos até então. A data seria escolhida em função das condições meteorológicas.

Uma unidade aérea havia sido criada e treinada especificamente para o lançamento das "bombas especiais", o 509º Grupo de Bombardeiros. Ao contrário de outros grupos, que tinham três ou quatro esquadrões, o 509º tinha apenas um, o 393º. O comandante do 509º, coronel Paul W. Tibbets Jr., decidiu comandar o primeiro ataque com o seu avião, que recebeu o nome de sua mãe (Enola Gay). Às 2:45h, o "Enola Gay" decolou de Tiniã, nas ilhas Marianas, para a sua longa e histórica viagem. Às 8:16h, a bomba foi lançada. Na cidade, a população havia sido alertada pela rede de vigilância, mas a aproximação de apenas três aviões (dois outros B-29 acompanhavam a missão, com máquinas fotográficas e aparelhos de medição) não a perturbou, pois missões de reconhecimento fotográfico (sem bombas) já haviam se tornado rotineiras. Menos de um minuto depois, a cerca de 500 metros do solo, a bomba explodiu.

Três dias depois, não tendo qualquer expectativa de uma rendição japonesa, um novo ataque foi ordenado. O alvo agora era Kokura. Porém, como o tempo estava encoberto sobre a cidade, o B-29 "Bock's Car", pilotado pelo major Charles W. Sweeney (comandante do 393º Esquadrão), rumou para o alvo alternativo, Nagasaki.



O então coronel Paul Tibbets diante do "Enola Gay".

## A RENDIÇÃO:

Desde os ataques maciços a Tóquio, em março de 1945, era evidente para muita gente no Japão que a guerra estava perdida e que era necessário pedir a paz o mais rápido possível. Entre eles, estava o Imperador Hiroito, que fizera uma revista pela cidade após os ataques e voltara ao palácio deprimido. Desde então, as personalidades que buscavam a paz passaram a estudar como obtê-la sem entrar em conflito com a classe militar dominante. Vários chegaram a ser presos.

A 07/04/45, um novo gabinete foi empossado, encabeçado pelo velho Almirante Kantaro Suzuki, de 79 anos. Sem que os militares soubessem, Suzuki havia recebido sutis instruções, diretamente do Imperador, para acabar com a guerra. Suzuki era um militar que nunca se envolvera em política e agora tinha nas mãos um jogo perigoso. Como acabar com a guerra tendo a poderosa oposição dos militares?

Após a Declaração de Potsdam, a questão da paz tornou-se urgente e passou-se a discutir a possibilidade, até então verdadeiro tabu. Os militares não aceitavam a exigência de julgamento por crimes de guerra (eles certamente estavam côscios das atrocidades cometidas por seus soldados na China, Filipinas, Malásia, Birmânia, etc.). Além disso, eles depositavam confiança no seu plano de derrotar os invasores.

A 06/08/45, um forte argumento surgiu na forma de "um novo tipo de bomba", que os americanos haviam lançado em Hiroshima. As informações não eram confiáveis, mas era certo que uma única bomba riscara a cidade do mapa. Os militares, caracteristicamente, menosprezaram essa informação (um general chegou a declarar que a bomba não fizera estrago algum a 30 centímetros abaixo do solo!).



O Observatório de Hiroshima, um dos poucos prédios que ficaram de pé após o ataque (hoje é um memorial).

A 08/08/45, os soviéticos invadem a Manchúria. Dessa vez, até os militares sentiram o golpe. Seu orgulhoso Exército de Kwantung estava sendo destruído numa "blitzkrieg" vermelha. Os diplomatas se deram conta de que não havia mais como haver mediações para uma negociação de paz. Todos compreenderam que o Japão estava, em todos os aspectos, sozinho, cercado e derrotado.

A 09/08/45, é a vez de Nagasaki ser arrasada. A topografia salva a cidade de uma devastação idêntica à de Hiroshima, mas o fato continuava: uma bomba, uma cidade. Isso não podia continuar.



Nagasaki, após o ataque.

Por incrível que pareça, as discussões levaram ainda alguns dias. Por fim, a 14/08/45, o Imperador, que tradicionalmente não emitia opiniões nas reuniões de governo, rompeu o silêncio e exigiu o fim da guerra e a aceitação da Declaração de Potsdam. Naquele mesmo dia, 804 B-29 haviam bombardeado o Japão. Os militares tiveram que aceitar. Na madrugada de 15/08/45, o Japão rendia-se incondicionalmente aos aliados. Era o fim da 2ª Guerra Mundial.

## CONCLUSÕES:

Resta agora a pergunta: era realmente necessário lançar as bombas? Seus defensores alegam que a bomba apressou o fim da guerra e, de fato, salvou centenas de milhares de vidas. Seus detratores afirmam que o Japão já estava derrotado e que a bomba nada mais foi que uma demonstração de força perante a URSS, nos primórdios da Guerra Fria. A ironia disso é que ambos estão certos.

Embora seja um exagero dizer que a bomba por si só terminou a guerra, também é tolice achar que ela não teve nenhum impacto nesse desfecho. A bomba atômica foi mais um dos vários

elementos que forçaram o Japão à rendição: bloqueio marítimo, bombardeio de cidades, fome, perda de todas as conquistas, Iwo Jima, Okinawa, a declaração de guerra soviética, enfim, a absoluta impotência perante o inimigo. Mas o que é importante aqui é tentar determinar que influência a bomba teve no pensamento das pessoas que corajosamente venceram a feroz oposição dos militares e levaram o Japão à rendição, a começar pelo próprio Imperador Hiroito. E vários relatos corroboram o impacto que a bomba teve sobre eles. A idéia de que uma única bomba podia riscar uma grande cidade do mapa e de que os americanos teriam 100 delas era perturbadora demais para ser ignorada, embora tenha sido exatamente isso o que os militares fizeram. Não existe dúvida de que o argumento da bomba pesou seriamente na decisão de Hiroito de exigir o fim da guerra.

Por outro lado, como já afirmamos acima, o Japão acabaria se dobrando pela fome em menos de um ano. Mas seria válido fazer uma máquina de guerra de milhões de homens simplesmente sentar e esperar a guerra acabar? É óbvio que não. Não pode haver nenhuma dúvida de que o Japão seria invadido em novembro de 1945, portanto, antes da primavera de 1946. Os planos estavam prontos e as tropas escaladas. O Japão precisava ser derrotado o mais depressa possível, pois, não podemos nos esquecer, havia ainda muitas tropas japonesas na China, nas Filipinas e na Malásia, contra as quais tropas chinesas, americanas, britânicas e australianas estavam lutando e morrendo numa guerra que já devia ter acabado. Portanto, teria que haver o banho de sangue planejado pelos militares japoneses. Todos os argumentos citados acima, inclusive a bomba, não mudaram e não mudariam nunca o pensamento deles.

Se a bomba também serviu como alerta aos soviéticos, isso é meramente acessório. Alega-se o mesmo do bombardeio de Dresden, onde morreram mais de 300.000 pessoas (ou seja, o dobro das vítimas de Hiroshima e Nagasaki juntas) e não foi por nenhuma bomba atômica.

Finalmente, podemos conjeturar: e se Truman não tivesse autorizado o lançamento da bomba? Haveria a invasão do Japão e a carnificina inevitável. Por baixo, teríamos 100.000 mortos aliados e mais de 1.000.000 de japoneses (incontáveis civis, certamente), além da devastação material que a guerra sempre traz. E depois que tudo terminasse, algum dia alguém se daria conta de que havia uma possibilidade (mesmo que remota) de terminar a guerra mais cedo, através da bomba atômica. Então a pergunta seria: "Porque ela não foi usada?". Fatalmente, Truman seria responsabilizado por todas aquelas vidas perdidas.

Hoje, vemos uma tendência muito grande de julgar os atos dos homens que levaram às tragédias de Hiroshima e Nagasaki, numa fútil tentativa de definir vítimas e assassinos, mártires e vilões. Porém, independente de qual seja o veredicto deste inútil julgamento, o fato incômodo, sempre convenientemente ignorado, permanece: diante da questão apresentada a Truman naquele verão de 1945, qualquer um (inclusive você!) tomaria a mesma decisão.

Atire a primeira pedra...

#### NOTAS:

- O número de mortos pelas bombas atômicas nunca foi definido com precisão. Em Hiroshima, as estimativas variam entre 66.000 e 90.000; em Nagasaki, variam entre 39.000 e 60.000.
- Ironicamente, entre as vítimas de Hiroshima, havia 17 prisioneiros de guerra norte-americanos, na maioria extripulantes de B-29 abatidos sobre o Japão.
- A rendição do Japão também salvou as vidas de dezenas de milhares de prisioneiros de guerra aliados, cujo massacre já havia sido decidido pelos militares japoneses.